

ACAJÁ

JORNAL DE INSTRUÇÃO E RECREIO.

O progresso da intelligencia é infallivel
havendo liberdade de fallar, escrever
e publicar o que pensamos.

MARQUEZ DE MARICÁ.

Anno I

Sexta-feira 31 de Maio de 1861.

N. 14

ACAJÁ.

THEATRO.

O theatro é como as academias uma escola em que todos mais ou menos vão beber lições bem profenas, de moralidade e bons costumes.

E' ali que se expande o pensamento do autor, que deseioso, concorre para o banimento dos costumes veneficos e corruptos dos povos.

E' ali que o crime se pune, o justo recebe a recompensa de suas virtudes, o homem rico vê a inutilidade de seu ouro, a adúltera cora de pejo ante a publicidade de seus crimes e do escarneio da sociedade moral, a donzella inespiciente aprende uma lição de sensatez, o pobre sabe resignar-se com sua má sorte; enfim é ali onde o povo aprende a ser bom e justo.

A comedia occupa no theatro um lugar importantissimo; porque é ella quem com sua critica mordaz e epigrammatica sova a bom sovar aquelles que merecem da sua severidade e rigor.

Mas já occupou out'ora lugar mais importante; principa'mente n'essa Athenas de amenas reminiscencias, onde os máos costumes dos funcionarios publicos erão zurzidos perante as platéas, e com applausos geraes dos espectadores.

Oh! se a comedia de hoje fosse assim! se ella se compenetrasse de sua louvavel missão, não serião praticados tantos actos de cynismo e desmoralisação, não andaria a innocencia a par da perversidade, a justiça a par do crime, a verdade a par da mentira; porque o criminoso seria punido rigorosamente nos seus crimes, a

innocencia seria um santuario, a perversidade teria a sua correcção, a justiça seria praticada, a verdade appareceria em todo o seu esplendor, e a mentira seria calcada e banida da sociedade.

A comedia de hoje, quasi em sua amplitude, é um amontoado de estultices, e truanismo, que chega até a merecer dó. E porque? a razão é obvia. Qualquer incapacidade se julga habilitado a ser comediante, ajunta a vontade á execução e produz um aleijão, um *Quasimodo*, e por esta ou aquella consideração, (principalmente no nosso paiz) approva-se a comedia do filho do Sr. Barão de.... ou do Sr. Dr. fulano, e eis em scena o myrrado fructo do inepto, que em um momento de tresvario julgou dever ser autor.

E o publico que vá applaudir esse monstro.

E a sociedade que continue e que progrida em seos defeitos e maos costumes, sem ter quem lhe suste os máos passos, e a afaste do abysmo.

Oh! bellos tempos forão por certo os de Molière.

SCISMAS.

Todos scismão: desde o menino até o velho. Todos, o mancebo, a moça, o negociante, a dona de casa, o pintor, o artista, o poeta (esse mais do que nenhum) até o mesmo frade, todos enfim, scismão. Parece que deve ser uma bella cousa isto de scismar: porque pois, não scismarei eu tambem? Sim, porque não scismarei eu tambem? Sou tão bem dotado como qualquer para scismar; tenho olhos, para erguel os aos céos, boca para deixar escapar bocejos, braços para encostar a cabeça, cabeça para a pousar nas mãos, e pernas para me mecher; enfim, te-

nho tudo quanto deve ter um homem bem constituido.

Não sei, porém, se tenho coração, porque o tal traste ainda me não deu signaes de si. Será talvez uma desgraça; pôde ser: até hoje porém, não me achei peior por isso, porque, fallando francamente, apesar do que tem dito tanta gente bôa, do amor e de outros que taes sentimentos que teem sede, no tal órgão sem teclado, se bem que digão que tem suas *cordas sensíveis*, eu ainda não experimentei nem as doçuras, nem os amargores que taes sentimentos sôem causar.

Verdade é que nunca procurei amar mulher alguma, (e mesmo duvido que algum dia *me resolva* a amar com o coração resequido que julgo ter) por isso não posso dizer que fallo com conhecimento de causa; mas pelo simples facto de nunca ter amado, e de ainda não ter soffrido contrariedades a esse respeito, e de, por consequencia, não poder dizer, enfundando as faces, e arrancando do fundo do peito mais fundo suspiro *Mais uma illusão perdida!* não se segue que eu não possa scismar.

Meu Deos! Quando olho ao redor de mim e considero a immensidade de causas que me cercão, quando me lembro de minha vida, do que vi, do que vejo e do que talvez ainda tenho de ver, fleo pasmo da enorme quantidade de assumptos, sobre que poderei scismar a meu gosto, e sem incommodar ninguém... excepto aos leitores de *Acajá* a quem já incomodei (presumpção!) excitando a sua curiosidade com o pomposo e ultra-romantissimo titulo que adoptei. Devem-se porém, elles lembrar, de que o *habito não faz o monge*, e que por eu ter posto no cabeçalho *Scismas*, não se segue, que eu seja obrigado a scismar: posso sim fazer scismar os meus leitores, e isso ainda são as mesmas *scismas* que eu tomei por bandeira.

Já o disse e repito: não tenho penas de coração: mas isso não é bastante para me impedir de scismar.

Não ha tanta cousa, sem ser o amor, que faça scismar?

Vós mesmo estais sci-mando com estas minhas scismas. Estaes parafusando para saber onde eu que o chegar com tanto scismar. Por certo que não será até o fim do mundo, pela razão bem simples de que o mundo, isto é o globo terraqueo, não tem fim, visto que é redondo, e que podendo andar tanto quanto vos approuver, sem que lhe alcanceis o fim. E quantas cousas sem fim, não ha por este mundo! Quem sabe mesmo se todo este aranzel terá um fim! Pode ser: mas então está muito occulto, porque a não ser o de scismar... sobre o papel, não lhe vejo outro.

Talvez não concebais que se possa scismar de qualquer modo que se possa. Pensais, talvez que para isso é preciso estar malamente reves-

tado sobre uma macia poltrona à *Voltaire*, que foi um bem soffivel scismador, pois lembrou-se de chamar a este mundo, *o melhor dos mundos possíveis*, ou então duramente assentado em um banco de pedra, à beira d'um riacho d'aguas limpidas (ou turvas: a côr nada faz ao caso) deixando vagar os olhos no espaço, acompanhando as ondulações caprichosas da fumaça do cheiroso havana, mergulhando as vistas na profundidade das aguas para procurar... o que? o fio do pensamento que nos foge com a corrente.

Estaes enganados: pode-se scismar sem ser assim: pode-se scismar muito bem, muito pro-saicamente sentado em uma cadeira, embalando uma perna sobre a outra ou aturando as semsaborias de um massante de *primo-cartello*, com os seus ordenados e um milhão de beneficios realizaveis na primeira occasião azada. Quem sabe mesmo, se ja me não estareis collocando no numero destes ultimos? E' muito possível, é mesmo provavel, e até apostaria se não tivesse jurado não apostar.... com meus leitores. Lembro-me do dictado: *com teu amor não jogues as peras*. Mas *prosequindo digo*, como diz o impagavel *Mal das Viúvas*: pode-se scismar muito a gosto (senão eu que o diga) sentado ou deitado na cama, vestido á ligeira o mesmo (deixai passar a expressão, porque é preciso que assim me exprima) em trages menores.

Espanta-vos isso? Estranhais esse modo de scismar? Achais-lo pouco poetico? E o que tem isso? Não houverão e não ha ainda hoje gostos tão extravagantes e tão fora do commum que nos custão a acreditar?

Poderia citar-vos um sem numero de exemplos que prefiro guardar, os quaes todos servirão para corroborar a minha asserção.

Além disso não vejo grande mal, em que cada um scisme como lhe convier. Eis-aqui um assumpto que se eu fosse deputado, proporia ás Camaras. E juro-vos que havia de passar por grande maioria de votos. Eu pelo menos dava-lhe o meu, e estou certo que tambem darieis o vosso, ainda que só fosse para vos verdes livres do massante scismador que vos está pondo a cabeça litteralmente em fanicos.

Mas que quereis? Prometti scismar em tres columnas, e hei de fazer o meu possível para desempenhar minha palavra. Sentirei muito se no fim de toda esta *lenga-lenga*, eu vos tiver enfiado; mas é ter paciencia, e ouvir-me até o fim, se quizerdes. Demais estou quasi vendo o cabo á minha empreza e breve ficareis descançados e livres de todo o meu palanfrorio, para vos irdes divertir a vosso paladar.

Não fazeis idéa como é doce, ás vezes o scismar! Fazeis, fazeis, oh! se fazeis! Pensais que eu já vos não tenho visto, com a cabeça enco-

tada na mão, com os olhos meio-fechados, e o pensamento nas nuvens? Confessai que já tendes tido desses momentos, em que a alma como que se desprende, a meio, do corpo, para voar a regiões para ella desconhecidas, e em que paira em uma especie de extase, divagando no espaço, até que um accidente qualquer, a queda de um móvel, a voz de um amigo, o vento, a chuva ou outra cousa qualquer, a chama á terra, á realidade, á desillusão, á vida em uma palavra!

Confessai que já tendes experimentado desses accessos, e não estranheis que os outros os tenham também.

Ha momentos em que é a alma, que insensivelmente cahc nessa especie de lethargo e foge ao corpo, sem que este tenha consciencia disso. Então é uma especie de logro que o espirito prega á materia, e de que esta como companheira complacente, quasi nunca se zanga. E' porque ella se lembra, que também gosta, seu tanto o quanto da vadiagem e por isso desculpa tão facilmente as *gassetas* do espirito. E' preciso, porém que eu consigne aqui, que me parece que ainda mesmo que o corpo quizesse, nunca poderia arcar com a alma, visto que teria de se achar mal. E' um dos muitos casos em que o sexo fragil, como lhe chamão, leva de vencida ao forte. Outras vezes, porém, é o mesmo corpo que cahc n'uma meia somnolencia, para que a alma mais facilmente possa divagar por onde bem lhe parecer, faculdade de que esta quasi nunca deixa de se aproveitar. E' por isso que vemos por ahí tantos scismadores voluntarios, em cujo numero, bem lá no fim, me encaixo eu.

Quando me vem o tal accesso scismatico, quereis saber o que faço? Se é de dia, pego no Borrador ou no livro de Entradas (triste recordação!) e finjo-me engolpado nas intrincadas veredas de um calculo *complicadissimo*, como sejam uma multiplicação, uma divisão, etc.

Dentro em pouco, esqueço-me de sommar uma parcella; mais adiante tropeço em uns *naves fóra*; embirro com elles algum tempo e depois lá vai livro, lá vai tudo pela agua abaixo, e adeos calculo! Cahc-me a penna; entorna-se o linteiro, inclino a cabeça e...

Dizem meus companheiros que estou dormindo, estou scismando; é o que é.

Ponho-me a scismar e scismo de maneira que ás vezes chego a zangar-me com tanto scismar! E' por uma d'estas que a minha lavadeira me chamou, um destes dias de poeta. Poeta! Eu, o espirito mais prosaico que tenho conhecido! Na verdade é para arrebentar de riso! Não, é para fazer scismar! Poeta! Chamar-me poeta a tal fazedora de barreias! Mas não lhe devo querer mal por isso; era pateta que ella me queria chamar, porque ella ouviu sem duvida dizer a algum fazedor de rimas que

poeta rima com pateta. Era isso mesmo assim o julgo: não julgo bem?

Tornando ao que ia dizendo, confessar-vos-hei francamente que a maneira de scismar que mais me agrada, é, á noite em balitos menores, a *huit clos*, de calças d'enfiar, cigarro, charuto ou cachimbo, entre os beiços, e barrete d'algodão l'ranco na cabeça! Então sou eu rei! Com os cotovellos encostados á mesa sobre que vos escrevo agora, abandono as redeas ao espirito, e toca a passear por esses mundos visiveis e invisiveis! Não podeis conceber, nem aproximadamente as distancias que transponho dessa maneira. Ando para trás, ando para diante, remecho no passado, bulo com o presente, e até chego a tomar contas ao futuro sobre o que ainda me ha de succeder!

E não é bello tudo isso? Não achais isto tão consolador para um animal bipede, sem pennas nem azas, como é um homem? Talvez não sejais de minha opinião, mas isso nada faz ao caso e eu continuo...

Heim?... Onze horas da noite, e eu ainda acordado e ás voltas com as minhas scismas! Que massadão não vos preguei eu leitores, (e a mim também!)

Safa!... Desculpai-me, e se quizerdes, tomai isto como uma scisma vossa e não como uma seca que vos pregou o

Todo vosso

JAM.

CLAUDINA.

Original Brasileiro.

Chuvosa correo a tarde do ultimo dia do carnaval de 1861, no Rio de Janeiro.

Muitas esperanças, muitos castellos cahirão ante a chuva, que por intonsa obrigava os engraçados Titis, e os folgazões pierrots a se esconderem dentro de suas casas.

Outro tanto não aconteceu mais tarde; a noite appareceu risonha, as estrellas scintillarão, e os mascarás, para aproveitar essas ultimas horas que a noite favoravel lhes conceda, em grupos e magotes, com grandes vcerias, se derigirão para os theatros, e hotequias.

Erão já dez horas; a noite continuava bella, quando a largo trote se dirigio para o theatro de S. Pedro de Alcantara, um lindo *coupé*, tirado por uma fogosa parella russa queimada.

Mal em frente ao vestibulo do theatro, ligeiro saltou da almofada um pequeno *jockey* que veio abrir a portinhola do *coupé*, para dar passagem a um bello dominó de setim côr de canna, que garboso e com ar seductor, se diri-

gio para o interior do salão, arrastando a traz de si uma multidão de mascaras e paisanos.

A musica era ruidosa, e quasi infernal; os mascaras ebrios de prazer, fazião mil loucuras em quanto nos corredores, onde a multidão era menos compacta, e o calor menos intenso, passeiava de um para outro lado, me litabundo, um mascara que pelo andar, pelas fórmãs e pelo ar, mostrava ainda ser joven.

Trajava um traje de valor.

Elle era claro, de sobrancelhas negras, de bigode e pora da mesma côr, deixando rolar sobre a golla de velludo, côr de canna de seo vestuario de velludo, os aneis de uma bella cabelleira, que fugia de sob um pequeno boné de velludo preto, adornado de duas plumas brancas, que voltejavam com a viração que ás vezes corria nos corredores.

Uma especie de cota de velludo tambem preto, fazia sobresahir a alvura dos fôfos de nobreza branca, que guarnecião-lhe o braço.

Debaixo de uma justa meia de seda branca, guarnecida de fôfos de fitas azues, se occultavão umas bem feitas pernas, que acabavão por um delicado pé, que se occultava em uns sapatos de entrada baixa, guarnecidos de fitas azues e adornados de pedrarias.

Da cintura pendia-lhe uma bofeia de prata, que estava presa a uma cinta de couro envernizado, guarnecida de correntes e, passadores de prata; enfim estava ricamente vestido, e figurava de Principe Roger.

Na verdade, elle era o principe do baile, pois assim já o havião proclamado.

Quando o dominó côr de canna entrou no salão, os gritos desafiados, as risadas estrepitosas, redobráram; todos queriam conhecer a pessoa que se occultava, debaixo do setim de um rico e elegante dominó.

Não é necessario descrever-se o que é um dominó; passemos avante.

O Principe Roger, vendo chegar aquella bella mascara, levado pela curiosidade, desceo ao salão e perdeu-se no turbilhão.

Momentos depois, encontrou junto a um grande espelho, o dominó, assentado.

Pelo brilho dos olhos, pelas formas sedutoras que apparecião por baixo da larga veste, e pelo modo languido com que brincava com um leque de sandalo, facil era conhecer-se que era uma mulher.

Roger parando cravou seus olhos n'aquelles que para os d'elle lançavam dardos e desdenhosamente seguiu a multidão.

O baile tinha chegado ao paroxismo da embriaguez! era meia noite, a musica atroava; a loucura e ao delirio, a raiva, e a insanía tinham substituído. Foi n'este momento que chegando-se um homem talvez de 25 annos para Roger, lhe disse, tocando-lhe no hombro:

— Quem quer que sejais, lindo mascara, podeis orgulhar-vos, porque sois o principe do baile.

— Obrigado, Senhor, é excessiva lisonja.

— Bello mascara, eu só rendo homenagens áquelles como vós, que por suas maneiras, e seu traje se tornão dignos d'ellas.

— Ainda uma vez obrigado; retorquiu-lhe Roger.

— Dizei-me, qual a razão porque não dançais? Perguntou o mancebo.

— No meio desta festa, respondeo Roger, d'esta Bacchanal infrene, ainda não achei um par, que podesse, no turbilhão da dansa, tirar essa tristeza que me persegue.

— Quereis um par? Prometteis respeitá-lo? Tratal-o dignamente como se não estivéssemos no meio de uma orgia?

— Prometto.

— Então, segui-me.

E levou Roger para junto do dominó côr de canna, apresentando-o attenciosamente áquella que ia ser seo par.

O estampido de um tiro, deo signal para um convite de valsa.

O Dominó pelo braço de Roger, caminhava mudo, porém graciosamente reclinado sobre o hombro do Principe. Este sem encontrar palavras, que podessem formar uma phrase, nada dizia.

A Valsa se annunciou alegre, porém tão rapida, que parecia ser dirigida por Satan.

Roger enlaçou a cintura do Dominó; tomou-lhe uma das mãos, e este descansou a sua cabeça sobre o velludo que cobria os hombros d'aquelle que tão respeitosa e cingia a cinta, e em breve perderão-se no rodomeio da dansa.

Quem era Roger e quem seria o Dominó?

Eis o que todos desejavão saber. Será elle moço, será ella bella? Dizião todos. Porém sigamos o par perdido no turbilhoar rapido da valsa da meia noite.

O Dominó, com a fronte penúda sobre o hombro de Roger, juntos n'um estreito abraço, valsando, percorrião o salão no meio de centenas de outros pares, parecendo voar. Seus pés não tocavão quasi o chão, suas vestes formavam círculos rapidos, e a ligeireza era tal que quasi não se vião os gestos.

E a musica continuava insana, as gargalhadas estrepitosas e a febre vertiginosa se havia apoderado de todos os cerebros.

Uma nuvem de pó se elevava, o chão tremia e o ruido desconcertado das cornetas, guizos e tambores, fazia dessa sala de verdadeira saturnal, uma fuma do inferno.

De repente a musica parou, houve um momento passageiro de calma, em que os pares exaustos cahião caçados sobre os assentos.

O Dominó, que fraco se arrimava no braço de Roger, seguiu a multidão e buscou no salão da frente um lugar onde podesse refazer-se da fadiga da valsa que o tinha prostrado.

Assentados em um divan em frente a um grande espelho, Roger apertava com a mão direita a esquerda da do Dominó, enquanto com a outra mão enfiava apaixonadamente a cintura d'aquella que fazia tão fortemente palpar seu coração, como se vê...

— Depois d'essa valsa encantadora que me levou ao paraíso do ideal, não posso, senhora, deixar de vos dizer; eu vos amo.

Quem quer que sejais, se sois livre, concedei-me vosso coração, para que eu possa, unindo-o ao meo, fazer cessar estas pulsações tão fortes que são os germens de um amor profundo. Pelo brilho de vossos olhos, pela melodia de vossa voz, não posso duvidar que sois moça e que sois bella.

Não me desprezeis, eu vos amarei.

— Senhor, é uma loucura declarar amor assim á uma pessoa que não conheceis. Se eu não fosse moça? Se não fosse bella, vos me amareis? Eu duvido.

— Respeito Senhora, o vosso incognito, porem eu vos juro, se sois livre, sejam quaes forem vossas feições, eu vos amarei.

— Permitti que vos diga o que sinto.

— Eu vos peço. Disse com doçura Roger.

— Pois bem, Senhor, nunca me amareis, quando souberdes quem sou. Eu vos dou com prazer e satisfação o meo coração ainda que vos não conheça, porém não vos arrependaes depois!

— Oh! nunca me arrependerei! Vosso amor, ou o termo d'esta existencia que para mim é duro fardo!

Depois de alguns minutos de promessas e finezas, a dama do Dominó se levantou e retirou-se do salão apoiada no braço de Roger, que aconduzia á portinhola do *coupé*.

— Senhor, disse ella, sexta-feira ás 6 horas da tarde na casa que vos indica esse bilhete, sabereis quem sou.

E o *coupé* partiu a galope deixando Roger com um bilhete na mão, extatico olhando para o carro que rapido se dirigia para a rua de...

Erão duas horas quando o dominó, cõr de canna abandonou os salões da orgia, deixando-os entregues á turba insana e intrigante.

Roger ainda deu duas voltas pelo salão, porém automaticamente porque seu pensamento estava longe, seu peito vazio, suas idéas em desordem e as formas, encantadoras do dominó, gravadas na imaginação.

Achando na multidão ebria de gozos que o cercava, uma monotonia insípida, um folguedo por demais ruidoso, para suas idéas, lançou-se pelo meio das mascarás, empurrando uns, acotovelando outros até se ver livre na rua.

Tres dias depois apresentava-se o principe Roger na casa que lhe era designada no cartão.

Depois de subir alguns degrãos da escada ingreme de um sobrado, entrou em uma sala forrada de esteirinha da India, adornada de ricos moveis, de bellas porcellanas francezas, de finos tapetes, e perfumada por um cheiro exquisito. Roger ao dar o primeiro passo para o interior da sala estremeceu e um movimento convulsivo se apoderou de seu corpo.

(Continúa.)

POESIAS.

PORQUE NÃO AMA ?

(Ínfima.)

Porque não ama essa virgem ?

Acaso seu rosto lindo

A sua alma não traduz ?

Porque não ama se é bella,

Se o seu olhar me seduz ?

E' louca talvez ! Quem sabe

Que de loucuras não cabe

Num coração de mulher !

— Se tem nos labios um riso

Que prometta um paraíso

Dar-nos vida, dar-nos crença

P'ra depois dar o descrer !

Talvez um anjo que dorme

Como nos contos de fadas

As lindas virgens... Talvez !

Talvez uma flor que morre

Sem mostrar que suas pet'las

Vão pendendo em languidez.

Talvez um sylpho que passa;

Mariposa que esvoaça

D'azas doiradas na luz !

Quem sabe !—tudo é mysterio

Tudo sonho, tudo aerio ..

Ninguém lhe sabe das scismas,

Ninguém lhe conhece os prismas,

Seu amor... ninguém traduz !

Porque não ama ? Crestou-se

Como ao sol do meio dia

Dos campos a branca flor ?

Não teve ternos carinhos ?

Ferio-se n'agros espinhos;

Ou não sabe o que é amor ? !

E' bella, mas é creança
 Não quer guardar a lembrança,
 Não quer dar uma esperança
 Num volver d'olhos se quer !
 E' simples como a bonina,
 E' pura é bella, é menina,
 Mas... tem alma de mulher !

Não ama, não. Disse um dia
 Na sua voz, que a harmonia
 De uma frauta pareceo.
 Não ama não, que sua alma
 Mata de amores a palma
 No peito em que amor nasceo.

Não quero, não quero vel-a;
 Sei que é linda, sei que é bella,
 Mas que não sente paixão;
 Que não lhe bate no seio
 Preso de amor e de enleio
 De ventura—o coração.—

Sei que é linda sei que é bella
 Mas eu não, não quero vel-a
 Porque ella não ama, não !

ALMEIDA CUNHA.

Rio, 20 de Maio de 1861.

DESCRENÇA

Behamos ! nem um canto de saudade !
 Morrem na embriaguez, do vinho as dores;
 Que importão sonhos, illusões desfeitas
 Feneceem como as flores !

José Bonifácio.

Ao folgar dos festins enchão-se as taças,
 Convivas do prazer vinde commigo !

B. Guimarães.

Ao vinho mancebos, ao vinho corramos,
 Do vinho esgotemos a taça querida;
 Té que nossas forças de todo se sumão,
 Até que sintamos a falta de vida !

Deixemos o mundo, corramos á taça,
 Deixemos a vida, corramos á morte;
 Que importa que o mundo, nos chame descredos
 Se n'alma nos fervem os fogos da sorte ?

Mancebos, na vida, só dores se encontrão
 Que todas na taça vão logo morrer;
 A taça esgotemos, bebamos a morte,
 Cantando e sorrindo, p'ra o mundo esquecer !

No fogo do vinho noss'alma queimemos
 P'ra morte libarnos n'um trago de dor;
 Tombemos por terra, contentes, sem vida,
 Co'a fronte manchada de baco pallor !

Mancebos, na vida, só dores se encontrão
 Que todas na taça vão logo morrer;
 A taça esgotemos, bebamos a morte,
 Cantando e sorrindo p'ra o mundo esquecer !

AMÉRICO BRASÍLICO.

Rio, 11 de Março de 1861.

IDÉAS SOLTAS.

Domina a tanto tempo o pensamento, que o amor é necessário para formar um feliz casamento, parece mesmo, que seria blasphemia suppor-se o contrario : eu vivi sempre embaldado n'esse pensar, e tinha tal convicção, que des-acreditaria de Deus (se possível fosse) se houvesse quem me convencesse da possibilidade de existir alliança sem amor.

Meu J, hoje penso diverso, é um erro : a honestidade, a virtude, certas conveniências, menos de condições e de idades, que de caracteres e de genios, bastão entre dois esposos ; o que não impede que resulte d'esta união uma dedicação mui terna, que formão precisamente o amor, não é menos agradável, e não é menos duravel que elle. O amor é acompanhado de uma inquietação continua de ciúme, e de privação pouco conveniente ao casamento, que é um estado de gozo e de páz. Não se casa sómente para se pensar um de outro, mas para desempenhar-se mutuamente os deveres da vida civil, governar prudentemente a casa, bem criar seus filhos.

Os amantes não veem se não a si, e a unica coisa que elles sabem fazer é amarem-se. Isto não succede para com os esposos, que teem tantos outros cuidados a desempenhar.

Não ha uma paixão que nos cause tão grande illusão como o amor, toma-se a sua violencia por um signal de sua duração, o coração, subcarregado de um sentimento tão doce o estende por assim dizer sobre o futuro, e tanto que este amor dura, acredita-se, que elle não acabará.

Mas pelo contrario é seu proprio ardor, que o consome, elle se gasta com a mocidade, elle se atáza com a belleza, e se extingue debaixo das neves da velhice, e desde que o mundo existe não se tem jámais visto dois amantes de cabellos brancos suspirarem um pelo outro.

L.

Consequencias de um casamento infeliz.

ORIGINAL BRASILEIRO POR E. B.

V.

« Oito dias depois, pelas quatro horas da tarde, em um oratório previamente preparado, unia-me eu pelos laços indissolúveis do matrimonio ao Sr. João de Oliveira.

« Já viste uma escrava submissa, conduzida por um senhor bárbaro e cruel, ao supplicio quando é innocente do crime que lhe imputarão, mas que elle com a sua vontade despota entende que ella merece? Pois tal como essa escrava, ia eu sêr immolada a uma vontade tyrannica e absoluta.

« O meu trajo de noiva, formava um completo contra-te com os pensamentos funebres que em turbilhão acudião a meo cerebro, onde só havia luto e dôr.

« Nem era possivel deixar de succeder assim visto que somente havia oito dias que conhecia eu o homem, que devia dispôr do meo destino a seu bel-prazer, e que o sentimento que me inspirou logo que o vi, foi o da mais pronunciada antipathia.

« Imaginai um homem de 40 e tantos annos, baixo, bastante gordo, com uma physionomia rude, destas que sem se possuir o dom de Lavar, ao primeiro lance de olhos logo se conhece o character sordido e vil de quem as possui; com umas mãos e pés grossos e callosos, trajando um vestuario sujo e immundo, e tereis o retrato do meo noivo.

« Para uma moça que até aida de desesseis annos tinha vivido em uma serie de continuados desgostos, e que á força de curti-los, tinha a previdido a ter no futuro, o que lhe era prometido por este casamento, não era nada lisongeiro, e soffrer por soffrer, preferia mil vezes o que me deixava, no menos, livre o coração.

« Mas minha madrastra me havia dito—Querá!—e sua vontade foi satisfeita! Depois da cerimonia concluida corri para meo quarto de moça solteira e testemunha de todos os meus pesares durante treze annos. Alli encontrei Catharina chorando, que me abriu os braços nos quaes precipitei-me desoladamente.

« —Pobre menina! exclamou ella, se sua mãe vivesse!..—e o pranto embargou-lhe a voz.

« Catharina, disse eu arrancando meo véo e corôa de noiva lançando-os ao chão, e calcando-os aos pés com furôr, é impossivel que eu pertença a esse homem a quem odio! Já que Deus consentio que se consummasse esse crime, e que fosse sancionado com a sua presença, já

que não me enviou uma morte subita que me libertasse do despotismo que me opprime, neste momento supremo, eu quero morrer por minhas mãos! Catharina, minha unica amiga, vai buscar-me um veneno poderoso que faça esse homem encontrar no leito nupcial, não uma victima a quem elle, vil instrumento de uma malvada, suppõem vir profanar com seus osculos infames, mas um cadaver purificado pela morte! Catharina é este o unico signal de amizade que te pego! Está ras teus mãos me deixar ir pura para o seio de minha mãe...

« Pela primeira vez na minha vida uma blasphemia roçava meos labios, e a paciencia parecia abandonar-me. Ah! o calix era amargo de mais!

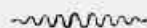
« Catharina, alma verdadeiramente crente e firme na religião, não podia nunca servir aos meos intentos sinistros. Ella procurou consolar-me por todos os meios, e palavras persuasivas. Ajoelhei-me a seos pés; tudo foi debalde! Aquella mulher santa, apesar de toda a amizade que me tributava, conservou-se inabalavel em seos princípios, alias, muito louvaveis.

« Uma prostração desanimadora, substituiu a exaltação febril em que me achava, e como a minha ausencia da sala fosse notada por minha madrastra, esta veio procurar-me ao meo quarto. Um raio que me cahisse aos pés naquella momento, não me atterraria tanto como a sua presença, tal era o horror que me inspirava aquella creatura! Ella naturalmente adivinhando as tenções que eu allimentava de resistir o mais que pudesse aos desejos brutaes de meo marido quando de mim se approximasse, trazia na mão uma chicara contendo um liquido que mais tarde soube sêr infusão de papoulas, e fez-me beber todo dizendo-me com seo costumado tom arrogante, que aquillo me tranquilisaria o cerebro. Depois puxando-me por um braço, conduzio-me para o quarto nupcial, ali ella mesma despio-me, e fez-me deitar. Eu prestava-me a todas estas cousas como se fosse um verdadeiro automatico, sem consciencia dos meos actos.

« Um torpôr estúpido, e um indifferentismo quasi idiota se haviam aposado de todas as minhas faculdades intellectuaes.

« Apenas cabi na cama senti o quarto andar á roda, pouco a pouco meos olhos se fecharão e adormeci profundamente.....

(Continúa.)



UMA VICTIMA DO AMOR.

ORIGINAL BRASILEIRO.

(Continuado do n. 13.)

XI

Henrique, ao terminar o sarão, procurou, em balde o seu amigo Carlos.

E como que uma nuvem de terror lhe passara no cerebro, no momento em que perdeu as esperanças de encontrá-lo ali.

Desorientado, e qual um possesso, retirou-se sem cumprimentar a ninguém, montou a cavallo, e partiu a toda a brida muito certo de chegar a casa, ainda a tempo de impedir qualquer loucura de que Carlos pudesse ser acommetido.

Nãos esforços!

Chegado ao seu domicílio, bate, torna a bater, e não ouve mais que o echo soturno das pancadas que elle a remessa á porta.

Então furioso, bate com mais força, e eis que uma voz rouquenha lhe pergunta — quem bate?

— Abre, por satanaz ou por Deos, miseravel!

Emfim a porta é aberta pelo seu escravo, que aproveitando-se de sua ausencia não trepidou em ir até a tasca vizinha, e ali libar a longos tragos, *aquillo* que nos faz poetas, e ás vezes bem contra as nossas tendências...

São coisas!....

— Oh! diabo! não ouvisus bater?

Mas, em lugar de responder, o crioulo arregaleu muito os olhos e bocejou.

— Senhor moço Carlos já chegou? perguntou Henrique.

Ahi então é que foi o melhor: o coute não ponde resistir ao peso da cabeça, e fazendo meia volta á direita, foi bater com ella d'encontro á parede. Mas, como acontece sempre — *vir a bonança depois da tempestade* — appareceu o escravo de Carlos com uma vela acesa, e respondeu — que não era chegado ainda o seu senhor.

Henrique sem mais pensar, montou de novo a cavallo, e andou toda a noite de um para outro lado da cidade, sem saber mesmo o que fizesse, e vendo que o dia já principiava a amanhecer, recolheu-se cabisbaixo e angustiado, á sua casa.

Eis ahi pois o homem cynico e material, acabrunhado por não ter encontrado o seu amigo!

Elle mesmo não sabia a que attribuir a sua falta.

Ora, dizia consigo; sem duvida, Carlos opprimido pelo sentimento que o acubranha, anda

vagando pelas ruas da cidade, e não tardará a chegar. Ora, um presentimento negro lhe escurcia a razão, e era seu amigo, moribundo, victima do suicido.

Emfim, lutava entre a certeza e a incerteza da existencia de Carlos. E era um lutar insano!

XII

Já havia muito tempo que o sarão findara. Tudo jazia em silencio sepulchral. Nem uma só estrella no céu! Nem uma restea de luar, pallido e bello, desceia sobre a terra!....

Só o brando murmurio das agoas do repuxo do jardim. Só o maeio ciciar das auras nas folhagens. Só a harmoniosa orquesta da natureza! Que contraste!

Agora um silencio de morte! uma hora antes, o rebolico infrane de uma festa de noivados!

Quantas donzellas não terião trocado um olhar meigo com seu amante! E quantas... quantas.. estarião desoladas, e tristes como a flor pendida no seu hastil com as petalas resequidas!

Amor, amor como são incompreensiveis os teus dictames!

Estava pois tudo em mystico silencio.

Quem estivesse de parte, não deixaria de divisar por entre a densidade, da escuridão da noite, um vulto negro e vacillante, caminhar a passos graves, e cruzar os braços ante as janellas do quarto de Emilia.

Depois de alguns momentos de silencio e immobillidade elle começou a fallar, em voz quasi destalheada.

Era feio de ouvir-se!

Parecia que fallava á noite ou a algum gnomel

— Emilia! Emilia! a deos, até a eternidade!

Foi só o que se pode ouvir de tudo quanto dissera, e depois... o restrugir de um tiro, e o boque de um corpo que cabia!

Era uma alma pura, e immaculada que se elevava ao céu, nas azas da noite!

Era Carlos! a quem o espectro mortuario do suicidio nunca desamparara!

E era mais — uma victima do amor!

Fim

Rio, 21 de Maio de 1860.

SILVIO RANGEL.

As reclamações devem ser dirigidas a esta typographia.

RIO DE JANEIRO.

Typ. de Pinheiro & Comp.ª rua do Cano n. 165.